



PORTADORES DE LUZ
HOMILIA NA EUCARISTIA DE RECEPÇÃO DA “LUZ DA PAZ DE BELÉM”

14 Dezembro 2014 – Sé Catedral de Braga – 18h

“Apareceu um homem enviado por Deus, chamado João. Veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz”. Agradecidos porque o testemunho de João chegou até nós e ilumina o mundo e a nossa vida, acolhemos na nossa Catedral a Luz da Paz de Belém. Daqui partirá para todo o país e será recebida nos agrupamentos de escuteiros do CNE, para depois ser partilhada pelas pessoas e instituições, como chama que passa de mão em mão sem se apagar. “Guiados pela luz de Belém... mensageiros da Paz” é a interpelação que a Luz de Belém nos quer deixar. Mas, como ser um mensageiro da Paz nos dias de hoje?

A minha alma exulta no Senhor, cantávamos há pouco no salmo deste III Domingo do Advento, o Domingo da alegria. Também S. Paulo nos pedia: “Vivei sempre alegres”. Sabemos bem que a alegria, ou a felicidade, é sempre um projecto a dois, pois acontece quando se coloca o outro no centro das nossas atenções. Daí que gostaria de antecipar-vos, caros escuteiros, a palavra sugerida, no âmbito da Arquidiocese de Braga, para a quarta semana do Advento: Pão.

Recordei, na mensagem de Advento, que Belém significa a “casa do Pão”. Com esta pequena palavra sublinha-se a importância de algo essencial e que não deveria faltar a ninguém. Sabemos que não é verdade. Ele não está na mesa de todos e muitos nem sequer têm mesa para o colocar. Esta chama vinda de Belém deve solicitar aos escuteiros a tarefa de trabalhar para que o pão não falte a ninguém.

Todos reconhecemos uma inequívoca evolução social no nosso país mas, insistindo em ideias muito badaladas, quero solicitar-vos uma maior sensibilidade e compromisso perante as carências de bens alimentares que ainda vão escasseando para muitos. Neste período de Natal multiplicam-se os cabazes e alguns pobres conseguem receber o que, noutras circunstâncias, seria porventura desperdiçado. A noite de Natal é especial. Ainda mais especial será se nos recordarmos que a vida de muitas famílias é escura. No Natal há o indispensável. E nos outros dias?

Muitos condenam uma atitude assistencialista onde se dá o pão. Sabemos que é verdade. “Não se pode enfrentar o escândalo da pobreza promovendo estratégias de contenção que só tranquilizam e transformam os pobres em seres domesticados e



inofensivos. Como é triste ver que, por detrás de presumíveis obras altruístas, o outro é reduzido à passividade, é negado ou, ainda pior, escondem-se negócios e ambições pessoais: Jesus defini-los-ia hipócritas. Mas como é agradável quando se vêem em movimento povos e sobretudo os seus membros mais pobres e os jovens. Então sim, sente-se o vento de promessa que reacende a esperança num mundo melhor. Que este vento se transforme em furacão de esperança. Eis o meu desejo” proclamava o Papa Francisco em recente discurso aos movimentos populares reunidos no Vaticano (28 outubro 2014). O pão deve ser ganho talvez com o suor e canseiras. Só que, para isso, é necessário que existam condições para trabalhar. O trabalho é um direito e não podemos, como crentes, tranquilizar-nos enquanto o desemprego persistir, como também recordava o Santo Padre: “Não existe pior pobreza material — faço questão de o frisar — da que não permite que se ganhe o pão e priva da dignidade do trabalho. O desemprego juvenil, a informalidade e a falta de direitos laborais não são inevitáveis, são o resultado de uma prévia opção social, de um sistema económico que põe os benefícios acima do homem, se o benefício é económico, acima da humanidade ou do homem, são efeitos de uma cultura do descarte que considera o ser humano como um bem de consumo, que se pode usar e depois deitar fora”.

Sabeis que o objectivo final do projecto educativo do CNE é a “partida”, quando um Caminheiro, considerado merecedor pelo seu Clã, é enviado. Assim fica bem marcado que é para a sociedade e para a Igreja que o escutismo forma os seus membros. É, pois, de esperar que entre vós surjam ideias e projectos de caminhos novos a percorrer, verdadeira incubadora onde novos talentos frutificam nos terrenos já reparados ou então encontrando pistas capazes de, num futuro, gerar lugares de trabalho. Temos o direito ao trabalho mas temos igualmente o dever de o criar.

O Escuteiro tem o dever de deixar o mundo melhor!

Devemos lutar para um trabalho digno para todos. Mas é preciso mais. A luz de Belém é sinal de uma pessoa. Acreditamos que esta pessoa tem um nome e devemos pronunciar-lo sem receio. Jesus é o Seu nome e este nome, esta pessoa, deve voltar à sociedade portuguesa. O Papa Francisco recordou aos Eurodeputados ainda há pouco tempo que “o que gera a violência não é a glorificação de Deus, mas o seu esquecimento”.

Caros escuteiros, um Natal sem a luz que é Jesus Cristo é mera fantasia e jogo a distrair do realismo da vida. Sei como vos inquieta o mundo em que vivemos. São muitas as vossas desilusões e as vossas expectativas permanentemente goradas. Mas o



futuro está repleto de esperança se ousardes acreditar na responsabilidade de restituir Deus à história. Ultrapassai falsas imagens da religião e reencontrai-vos com Cristo e n'Ele mudai a cor do mundo. A escuridão não pode continuar a impor-se. Vede longe e descortinai caminhos novos. “É melhor acender uma vela que amaldiçoar a escuridão”, disse Confúcio. Muitos perdem-se em lamentos. Nós iremos fazer tudo ao nosso alcance para que a luz de Cristo brilhe nas famílias e nos diversos ambientes.

Este Domingo inaugura, de certa maneira, a “semana da alegria”. Encontrai-a em Cristo e levai-a a todos, particularmente aos jovens. De Belém, “casa do pão”, vem-nos a Luz da Paz. Não esqueçais que “repartir o pão” é sempre o sinal maior, o sacramento, da presença viva de Jesus Cristo no meio de nós! Saí da sede do agrupamento, saí dos grupos fechados em si mesmos, para partilhar a Luz de Belém, para partilhar o pão, para entregar a vida!

Termino com um pensamento do monge fundador do monaquismo, Sto. Antão: “Quem faz bem aos outros, faz bem a si mesmo”. A nossa alegria está em tornar os outros felizes.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*